



ARTE EM TEMPOS SOMBRIOS

ANAIS DO 41.º COLÓQUIO DO COMITÊ
BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE

CB
HA

ARTE EM TEMPOS SOMBRIOS

ANAIS DO 41.º COLÓQUIO DO COMITÊ
BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE

Realização



Organização



UFRJ
UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO

 **UFU** Universidade
Federal de
Uberlândia



UFPEL



UFRRJ UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL
DO RIO DE JANEIRO


CEFET/RJ

CBHA – Comitê Brasileiro de História da Arte – Fundado em 1972

Presidente de Honra (in memoriam) – Walter Zanini

Diretoria (2020-2022)

Presidente – Marco Antônio Pasqualini de Andrade (UFU)

Vice-presidente – Neiva Bohns (UFPEL)

Secretária – Rogéria de Ipanema (UFRJ)

Tesoureiro – Arthur Valle (UFRRJ)

Conselho Deliberativo do CBHA (2020 – 2022)

Almerinda da Silva Lopes (UFES)

Emerson Dionísio Gomes de Oliveira (UnB)

Luiz Alberto Freire

Maria de Fátima Morethy Couto (UNICAMP)

Marize Malta (UFRJ)

41º Colóquio do CBHA (2021): Arte em Tempos Sombrios

Comissão Organizadora

Marco Antonio Pasqualini de Andrade (UFU/CBHA) (presidente)

Arthur Valle (UFRRJ/CBHA)

Marize Malta (UFRJ/CBHA)

Neiva Bohns (UFPEL/CBHA)

Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ/CBHA)

Sandra Makowiecky (UDESC/CBHA)

Comitê Científico

Almerinda Lopes (UFES/ CBHA)

Arthur Valle (UFRRJ/CBHA) Bianca Knaak (UFRGS/ CBHA)

Blanca Brites (UFRGS/CBHA)

Camila Dazzi (CEFET-RJ/ CBHA)

Fernanda Pequeno (UERJ/ CBHA)

Fernanda Pitta (Pinacoteca-SP/ CBHA)

Marco Pasqualini de Andrade (UFU/CBHA)

Maria do Carmo de Freitas Veneroso (UFMG/CBHA)

Maria Izabel Branco Ribeiro (FAAP/ CBHA)

Marília Andrés Ribeiro (UFMG/CBHA)

Neiva Bohns (UFPEL/CBHA)

Niura A. Legramante Ribeiro (UFRGS/ CBHA)

Paulo César Ribeiro Gomes (UFRGS/ CBHA)

Raquel Quinet Pifano (UFJF/CBHA)

Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ/ CBHA)

Vera Pugliese (UnB/ CBHA)

Imagem da capa

Lydio Bandeira de Mello (1929 -), *Sem título*, 2019. Carvão crayon e pastel seco, 75 x 55 cm; Foto: Rafael Bteshe

Diagramação

Vasto Art

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C72 - Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte (41: 2021)

Anais do 41º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte: Arte em tempos sombrios

– Evento online - 23-27 nov. 2021. (Organizadores: Marco Pasqualini, Neiva Bohns, Rogéria de Ipanema, Arthur Valle). São Paulo: Comitê Brasileiro de História da Arte, 2022 [2021].

1371 p : 21X37 cm: ilustrado

ISSN: 2236-0719

<https://doi.org/10.54575/cbha.41>

1. História da Arte. I. Comitê Brasileiro de História da Arte. II. Anais do 41o. Colóquio do CBHA.

CBHA – Comitê Brasileiro de História da Arte

CDD: 709.81

Melancolia e desesperança na obra de Maurício Wellisch

Martinho Alves da Costa Junior, Universidade Federal de Juiz de Fora
<https://orcid.org/0000-0002-0265-6092>
martinhoacjunior@gmail.com

Resumo

Este artigo objetiva dar visibilidade ao trabalho de Maurício Wellisch (1904-1961). Artista atuante nas primeiras décadas do século XX, Wellisch destacou-se especialmente com suas ilustrações. Participou de exposições como pintor e foi um profícuo cronista e crítico das artes. Formado em direito em 1925, logo se envereda para uma carreira política, trabalhando continuamente no Itamaraty. Para este trabalho centraremos a análise em dois periódicos, Phoenix e Boletim de Ariel. Sob uma concepção de mundo do pós-guerra, o artista explorará este espírito em diversas ilustrações para o periódico. No ano de 1924 participa assiduamente da revista, ilustrando diversos volumes. Procuramos alinhar essa produção nas ilustrações da Phoenix com os escritos do autor para o Boletim de Ariel. Ali publicou sobre suas compreensões sobre arte, bem como sobre teatro, dança, política, e do cinema.

Palavras-chave: Maurício Wellisch. Ilustração. Crítica de Arte.

Abstract

The article aims to give visibility to the work of Maurício Wellisch (1904-1961). An Brazilian artist active in the first decades of the 20th century, Wellisch stood out especially with his illustrations. He participated in exhibitions as a painter and was a prolific chronicler and critic of the arts. He graduated in law in 1925, he soon embarked on a political career, working continuously at the Ministry of Foreign Affairs. This article we will focus the analysis on two periodicals, Phoenix and Boletim de Ariel. Under a post-war worldview, the artist will explore this spirit in several illustrations. In 1924 he participated assiduously in the magazine, illustrating several volumes. We seek to align this production in the Phoenix illustrations with the author's writings for Ariel's Bulletin, in which he published on his understanding of art, as well as theater, politics, and movies.

Keywords: Maurício Wellisch. Illustration. Art criticism.

I. Prolegômenos

Este texto objetiva dar visibilidade ao trabalho de Maurício von Wellisch (1904-1961). Nas poucas notas disponíveis sobre o artista as datas são controversas. Em geral, aparece o ano de 1905 como data provável de seu nascimento e o ano de sua morte sempre com uma data desconhecida. No entanto, no arquivo dos funcionários do Ministério das relações exteriores¹, a data de nascimento é marcada dia 04 de setembro de 1904. Muito atuante nas primeiras décadas do século XX, Wellisch destacou-se especialmente com suas ilustrações. Participou de exposições como pintor e foi um profícuo cronista e crítico das artes. Seu nome, contudo, não figura nos anais ou compêndios da história da arte moderna no Brasil, apesar de seus contemporâneos o considerarem como uma força maior naqueles anos. Em parte, o ostracismo ligado ao nome de Wellisch ocorre também por suas escolhas profissionais, formado em direito em 1925, logo se envereda para uma carreira política, trabalhando continuamente no Itamaraty. Diplomata de carreira, atuou em inúmeras cidades, como Antuérpia, Praga entre outras. E neste período, afasta-se dos pincéis, mantendo-se fiel à escrita, numa contínua abordagem da cultura e das artes nestes lugares em que visitou, embora distante do mundo das práticas artísticas.

Os anos de 1920 e 1930 para Wellisch foram fundamentais e sua atuação no cenário cultural intensa. Principalmente dois periódicos demonstram os interesses e características de sua obra, *Phoenix* e *Boletim de Ariel* que, sem dúvidas, foram duas grandes investidas com maior número de contribuições do autor. O primeiro, editado entre os anos de 1924 e 1926, tinha como proposta estabelecer um norte, perceber e agir em um mundo pós-guerra, reerguer-se das cinzas a partir das artes. Além de Wellisch o periódico foi ilustrado por nomes importantes, entre os quais Ismael Nery, Oswaldo Teixeira, A. Voigt e Lleux.

É claro que as obras de Wellisch estão ligadas àquelas de seus pares, e em casos específicos como Lleux ou Voigt a estética é mais próxima, mas como veremos há certa singularidade no traço de suas ilustrações. Podemos pensar e aproximar essa contínua presença nas ilustrações da *Phoenix* com os escritos do autor para o *Boletim de Ariel*, que circulou entre 1931-1939. Grandes nomes passaram por ele, como Murilo Mendes, Mario Pedrosa, entre tantos outros. Ali publicou suas compreensões sobre arte, em especial no cenário europeu que vivenciou a partir de 1925, bem como sobre teatro, dança, política, e advogou a favor do cinema em um momento que indagava a aceitação e repulsa do meio como arte. Torna-se inevitável estudar esses dois periódicos, pois é fundamental para entender a obra de Wellisch e sua visão majoritariamente melancólica.

¹ Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/764000/3237>. A confusão com a data de 1905 provavelmente está na inserção em alguns documentos referentes ao artista como “data provável”.

II. Primeiras presenças

Como remarcado, Wellisch não está entre os seus pares quando pensamos de maneira restrita ou mesmo larga nas artes e na cultura dos anos 20 e 30 do século XX. Pontuamos ao mesmo tempo o fato preponderante de sua vida profissional, que o afasta da carreira exclusivamente de artista. Wellisch se forma na faculdade de direito em 1925 e neste mesmo ano parte para Paris. A viagem, com duração de dois anos, tem por objetivo avançar os estudos artísticos. Em sua volta, escreve um artigo com entonações muito claras da perspectiva moderna que o cercava:

O momento é veloz, a hora corre, a hora vôa!... Vivamos, com intensidade, a intensidade da hora presente!... Paris é ainda o pharol que irradia o fecho de luz da vida actual. “Carrefour du monde”, é o ponto de “rendez-vous” de todas as correntes intellectuaes e o escoadouro de prazer de todas as fortunas do mundo. Turbina formidável, concentra todas as energias e transforma-as nas maiores forças².

As impressões eufóricas daquele cenário, cujo autor completa “A guerra, sobretudo, aumentou formidavelmente a velocidade da vida hodierna”, são partícipes do pensamento maquinal, produtivo e moderno. E talvez essa imagem de uma Europa como catalizadora cultural fique impregnada no espírito do autor, e a curta relação que teve com Érico Veríssimo, demonstra essa característica³. Wellisch mostra-se deslumbrado e otimista com o momento. Naquele instante, o artista goza de certo reconhecimento:

O sr. Maurício Wellisch é, na nossa sociedade, como nos nossos círculos intellectuales, um nome muito conhecido. É um nome familiar á symphatia da nossa gente culta e elegante. Advogado e escritor, o sr. Wellisch é, principalmente, um artista de exquisita sensibilidade. O Rio conhece bem os lindos desenhos decorativos que elle tem espalhado nas páginas coloridas das nossas revistas, e conhece também os seus bellos quadros de pintura, que nitidamente revelam um artista de temperamento singular e pessoal⁴.

Seus contemporâneos, de certa forma, compartilhavam de modo generalizado e generoso a imagem que se pode formar de Wellisch. Talvez, emblemático seja o caso de Afonso Arinos de Melo Franco, que em seu livro de

² Wellisch, Mauricio. “A inquietação espiritual da Europa hoje”. In O Jornal, 3 de julho de 1927.

³ Essa relação será abordada no subcapítulo V.

⁴ Idem.

memórias intitulado *A Alma do tempo: memórias* cita em algumas passagens a sua relação com o artista

De St.-Gall fomos a Zurique, onde eu queria visitar o meu amigo de mocidade, Maurício Wellisch, então cônsul ali. Maurício representa, para mim, um dos mais brilhantes destinos intelectuais frustrados, da minha geração. Seu talento para a pintura era consagrado, por volta dos anos 1920. Escrevia admiravelmente, como se vê pelas longas cartas a amigos. Foi um dos entusiastas, da primeira hora, da revolução modernista, nas artes plásticas e na literatura. Havia, no entanto, nele, um desajustamento qualquer em relação ao meio (inclusive, na mocidade, o meio familiar), e um *s'en fichisme* que tinha mais do desespero que da descrença. Espírito complicado, sensível, insatisfeito, talvez atuasse na sua inteligência, que hesitava diante do espetáculo da vida, entre a zombaria e a revolta, qualquer dolorimento ancestral de sua raça perseguida. Maurício Wellisch era dos que influem mais do que produzem; ou antes, dos que influem mais fundo do que a importância da sua produção. Talento, gosto e cultura, ele os tinha, e em grau eminente. Nada deixou de importante, depois da morte arrastada e sofredora. Eu fui dos poucos que puderam perceber o quanto Maurício poderia dar; o quanto dissipou, do que não chegou a ter⁵.

Comentaremos esse evento avassalador da “morte arrastada e sofredora” mais adiante. No entanto, essa percepção de inconformidade e de um espírito brilhante parece ser uma constante quando era mencionado. Quando Afonso Arinos comenta que Wellisch é uma personalidade daquelas que mais influem do que produzem é preciso tomar a afirmação com cuidado. Há certa consistência nas obras de Wellisch, por certo, a partir da década de 30. As obras são indubitavelmente mais rarefeitas, mas sua presença no mundo da cultura não diminui. Se por um lado, as ilustrações e telas são cada vez mais raras, os textos que refletem sobre o estado das artes, da cultura e do modo de vida, político e cultural foram intensos até seu último ano de vida.

Neste aspecto Hernani de Irajá, para a *Fon-Fon*, escreve sobre Wellisch e realiza um belo retrato do artista

No retrato de Irajá, vê-se um Wellisch muito jovem, com semblante inquieto de conflitos presentes, mas guardados com esforço em seu interior. Cabeleira volumosa e irrequieta. Os olhos profundos, sombreados de melancolia e a boca carnuda e séria, mostra certa inconformidade recaída nos olhos centrados fortemente para um horizonte. Um futuro possível, com caminhos tortuosos aparecem no retrato que Irajá faz de seu amigo. No texto que acompanha o desenho, o autor indica:

⁵ Melo Franco, Afonso Arinos de. *A alma do tempo: memórias*. Rio de Janeiro: TopBooks, 2018, p. 1004.

Sem perder para os dismantelos dos inovadores excessivos, Maurício Wellisch foi sempre um “novo” na pintura, um creador de hymnos inéditos á plástica humana. Como ilustrador, a sua esthesia se revelou cêdo sob um traço personalíssimo, frágil na apparencia, mas de facto fortíssimo como concepção, como *verdade em Arte*⁶.



Figura 1. Hernani de Irajá, Maurício Wellisch, 1930. *Fon-Fon*, 18 de janeiro de 1930, p. 50.

Uma voz moderada, como indica Hernani de Irajá, “influenciado pelas duas escolas de Ilustradores: os hespanhoes e os allemães”. Ponto discutível a presença dessas escolas nas obras de Wellisch, todavia, visto como moderno, mas sem cair em facilidades dos exageros, Irajá indica um artista extremamente consciente e crítico, ao mesmo tempo poderoso e precoce.

Há certo prazer em percorrer as páginas dos periódicos *Tico-Tico*, *O Beija-Flor* ou *Dom-Quixote* para descobrir um Wellisch como artista precoce e também com uma personalidade muito forte e determinada. Com 11 nos de idade, começa sistematicamente escrever para *O Beija-Flor*, tenta de todas as maneiras publicar desenhos ou textos no periódico. A sessão dedicada às cartas do leitor

⁶ Irajá, Hernani de. “Dentro da arte brasileira: Mauricio Wellisch”. In *Fon-Fon*, 18 de janeiro de 1930, p 50.

demonstra a insistência do jovem aspirante. Assim, no dia 15 de setembro, lemos “[...] o seu desenhinho foi entregue ao censor artístico d’ ‘O Beija-Flor’ e só elle poderá dizer si virá a servir-nos”⁷. Em diversas edições posteriores sabemos também que Wellisch continua próximo ao periódico participando de concursos de desenho e enviando diretamente à redação.

Em junho de 1916, uma resposta frustrante: “As respostas vão como o seu pedido foi feito: 1ª) Actualmente, temos excesso de ofertas graciosas [...]”. Com insistência, em agosto de 1917 aparece um primeiro desenho de Wellisch no periódico, “Marinheiros americanos”, acompanhado da nota “O desenho acima é do lápis de nosso querido e distinto amiguinho Mauricio Wellisch, aplicado allumno do Collegio dos revmos. Padres Barnabitas – Catette – Rio de Janeiro”. Em dezembro de 1917, dois desenhos acompanham um conto do próprio Wellisch “A perseverança ou História d’um regato”. Esses dois modos marcam a trajetória de Wellisch, que prosseguirá ilustrando seus próprios escritos e criando a partir de outros textos.

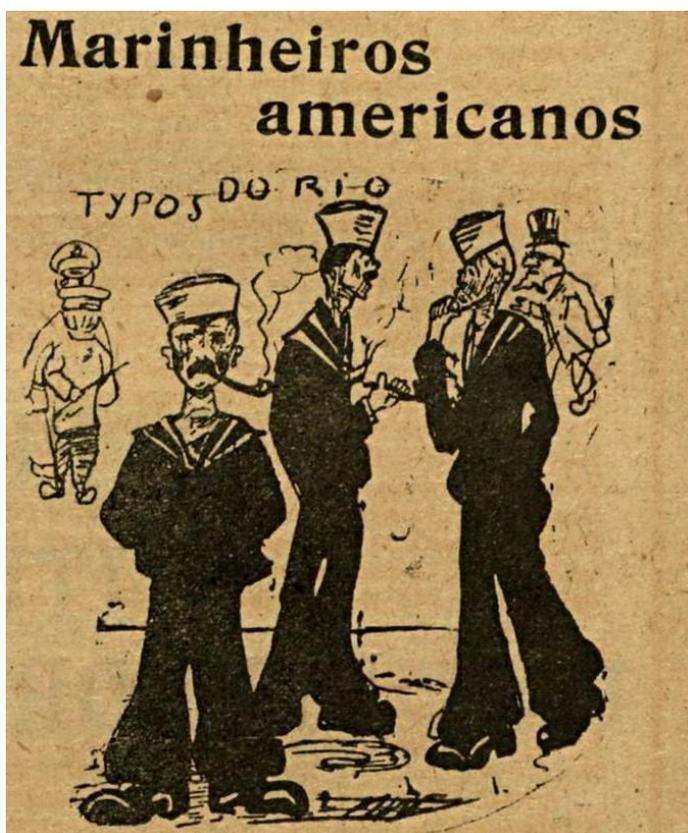


Figura 2. Maurício Wellisch, Marinheiros americanos, 1917. *O beija-flor*, 1917.

Além de *O beija-flor*, o jovem Wellisch manda uma contribuição que foi negada para o *Dom-Quixote*, “a legenda está boa, mas os desenhos ainda se ressentem de firmeza no traço. Você desenhou uma mão que mais parecia um

⁷ O Beija-Flor, setembro de 1915, número 17.

mamão”⁸. E com alguma obstinação publica no *Tico-Tico* a partir de concurso 1.287 do periódico em 12 junho de 1918.

III. Anos 20 e 30

Certamente o artista com traço característico e peculiar, de presença marcante, se molda nos anos de 1920, a partir sobretudo de 1925. Suas contribuições deixam o estilo experimental e infantil dos últimos anos da primeira década do século XX, para se firmar como um claro artista ligado ao seu tempo, de uma cultura com toques *fin-de-siècle* e decadente. É desse modo que ele ilustra dois de seus textos, “Nocturno” e “Elegia para a que não voltara...”, para a Ilustração Brasileira.

No primeiro caso, o sentido dos detalhes, das roupas, das árvores, das estrelas no céu confere um acento decorativo muito intenso ao desenho. A mulher de pescoço alongado e de olhos de torpor e cansados possui dedos afilados, sua elegância é lúgubre, seus pensamentos parecem pesar e curvar um pouco suas costas. De grafismo poderoso, há uma entonação para o invisível, e a cena tem ares de estar em um outro plano, em um outro tempo. Ela parece caminhar e passa próximo de um homem, que porta um manto, ele também decorado, mas com motivo florais. Sentado, sua mão direita sustenta seu rosto, enquanto a esquerda se apoia em um cajado. Olhos fechados, mas apontados para a figura feminina, os sentimentos das duas parecem semelhantes. No texto de Wellisch que acompanha o seu desenho: “O silêncio... vazio... tenebroso... amphórico ... A noite.. o vento... o frio... – Longe da Terra, alçado ao meu balcão marmóreo, lanço em torno um olhar vago e tristonho[...]”. A atmosfera criada no desenho se reverbera no texto, contudo a dimensão solitária e misteriosa ganha forças na ilustração.

Em “Elegia para a que não voltara...”. Duas figuras femininas estão próximas. Uma sentada na banqueta do piano, cabisbaixa e triste, o movimento das luzes nos cabelos negros acompanha as mangas do vestido. A maquiagem pesada é forte e cortante, a figura está ladeada pela música, com o piano, e pela pintura, pelo cavalete virado em sua direção. Neste momento preciso suspenso, nenhuma dessas artes são evocadas, apenas sugestionadas. São mesmo ignoradas pelas figuras presas em seus próprios pensamentos. A figura em pé intensa e poderosa, as linhas bem acentuadas do pescoço e do tórax não deixam dúvidas. Abre um pouco mais as cortinas com sua mão direita para melhor ver algo que escapa ao observador, algum evento parece perdido, paira uma tristeza e melancolia no ambiente. Um retrato oval, em perfil, no alto à direita, sugestiona alguma leitura. Pulicada em dezembro de 1924, o texto de Wellisch que acompanhava a ilustração acentua a relação entre música e melancolia que faz presença na ilustração: “Uma tarde cahia, envolta em gazes de melancolia. / Uma carícia doce no ar... Uma cigarra monótona... um suspiro longínquo... uma estrella que luzia, na gaze leve do poente...

⁸ “Correspondencia”. In Dom-Quixote. 24 de dezembro de 1919.

/ No silêncio do parque, a flauta antiga do repuxo distillava harmonas prateadas...”. Embora os textos dessas duas ilustrações sejam pares, são também independentes, se distanciam, e parecem contar histórias diferentes. Em todo caso são constituintes de um mesmo pensamento que são expressos de modos diversos.



Figura 3. Maurício Wellisch, *Nocturno op. 2*, 1924. *Ilustração Brasileira*, janeiro de 1925.

Ao mesmo tempo em que ilustrava diversos jornais, escrevia críticas de arte e cultural. Em *O Jornal* em dezembro de 1927, ilustra “Um conto de Natal” de Laura Margarida de Queiroz. Uma virgem com menino em um modo art-déco, com luzes incidindo nos personagens de modo geométrico, como spots arranjados teatralmente.

No mesmo periódico em 1930, Wellisch publica, juntamente com duas reproduções de obras que havia enviado ao *Salon d'Automne*, em Paris, *Retrato de Sr. Jack Sampaio, filho do Dr. Carlos Sampaio* e *Algeriana*. O texto *Criticando a Crítica*, é um estudo, ou antes, um ensaio ao gosto de Alain, tão presente nos escritos de Wellisch.

Sem embargo dos que hoje atacam ou desprezam o “esthetismo” de Wilde, a critica actual se acha impregnada, ainda que involuntariamente, dos aforismos wildeanos. Ora, a função do crítico não deve ser synthese mas de analyse. Elle se não deve collocar deante do objecto de arte “como artista deante da natureza”, mas como mathematico deante de um teorema⁹.

O trabalho da crítica contemporânea é assim analisado pelo artista e ensaísta que desconfiado da qualidade do trabalho das letras, seja na literatura ou belas artes, se furta ao indicar algum exemplo palpável. O texto apresenta-se quase abstrato em sua forma. Avança nesse sentido,

Enfim, a nossa época é das correntes de opinião como correntes de ar; a arte no meio delas é que se endefluxa... E por cima de tudo passa a crítica como uma ventania, pululando de todos os micróbios. Apoia-se o condena-se, sumariamente. E todo o mundo se julga no direito de aprovar ou de condenar, sumariamente¹⁰.

Uma leitura que poderia reverberar nos dias atuais e que é partícipe também da própria natureza do trabalho da crítica. Wellisch cita alguns livros de Alain durante esses anos e de fato sua escrita aparece próxima à do filósofo. Em *Propos sur les beaux-arts*, no capítulo 69 da parte *La générosité*, lemos

Para julgar livremente as ciências, é necessário trabalho; para julgar livremente as belas-artes é necessário coragem; pois sente-se um pouco livre demais, a partir do momento que não somos mais conduzidos pelos catálogos ou etiquetas; tenho pena do juiz, terá maus momentos. [...] Ou então, caminhemos sobre a história; dancemos sobre as ruínas, tiremos a barba dos Deuses. O trabalho é mal pago; mas não podemos ter tudo. Liberdade ou potência, é necessário escolher¹¹.

Alain, diferente de Wellisch, faz o diagnóstico e caminha em direção a um prognóstico. No outro caso, o artista se vê diante de uma aporia. Não há muito salvação e o artista está condenado ao trabalho comumente raso da crítica. É certo que esse gosto de um mundo disfórico dá espaço nos textos de Wellisch a partir da metade dos anos de 1930, essa mudança de estilo veremos a seguir. Nestes anos participou de diversos salões, entre os quais o 2º salão da primavera, o salão de belas artes de 1927.

Desenhos como *Viver como os pássaros... ou como as flores do campo* denotam um período de convergências. Se por um lado a força estética

⁹ Wellisch. Maurício. “Criticando a crítica”. In O Jornal, 30 de março de 1930.

¹⁰ Idem.

¹¹ Alain. *Propos sur les Beaux-Arts*. Paris : PUF, 1998, p.69-70.

característica de suas obras contempladas até este ponto evidenciam um acento *fin-de-siècle*, os aspectos geometrizarantes do art-déco convivem com a mesma energia. As duas figuras coladas, um amalgama comparado a força de *Jupiter et Thétis*, de 1811 de Ingres, ou do *L'amour des âmes*, 1900 de Jean Delville. O mesmo peso dos olhos, o torpor e a melancolia. A força da figura masculina é contraposta com certa delicadeza, seu braço direito esticado parece receber o pouso dos pássaros. A natureza aos pés da figura feminina se confunde com seu vestido, uma relação muito próxima com a natureza, espécie de Arcádia perdida, de um tempo fora do próprio tempo.



Figura 4. Maurício Wellisch, *Viver como os pássaros... ou como as flores do campo*, s/d. nanquim sobre papel, coleção particular.

IV. Phoenix e Boletim de Ariel

Como indicado no início, para melhor compreender a presença de Maurício Wellisch, certamente é preciso avançar em suas contribuições nos periódicos *Phoenix* e *Boletim de Ariel*. Como dito, nesses periódicos concentram-se as grandes contribuições do artista entre os anos 20 e 30. No primeiro, ilustrações e no segundo textos de diversas ordens. *Phoenix* nasce sob uma concepção de mundo do pós-guerra, elevando-se como uma saída possível dos escombros, a partir, claro,

da cultura. O mundo pessimista, melancólico e às vezes desesperançoso e cruel onde as forças e esforços são inúteis posto fadado ao fracasso, parece não estar distante do período e, sobretudo, próximo a Wellisch. O artista explorará esta ideia em diversas ilustrações para o periódico. No ano de 1924, especialmente na primeira edição em janeiro, participa assiduamente da revista, ilustrando diversos volumes. Em 1925, com sua ida a Europa, não realiza trabalhos para a *Phoenix* e volta a apresentar com menor incidência em 1926.

Wellisch trabalhou de modo intenso nas primeiras edições. Ilustrou textos, fez a capa e o *ex-libris*, além de criar os desenhos para os patrocinadores, letras capitulares etc. Em *Canto da Renúncia*, março de 1924, por exemplo, Wellisch desenvolve esse sentimento melancólico e de aporia, em mundo cansado. A decoração do traço e o luxo aparente se avizinham ao peso incomensurável da vida, ou de modo mais pragmático, do viver. Trata-se de uma ilustração para o texto de Camargo de Macedo.

“Por que vens tão tarde? Eu sou o sacerdote dos altares melancólicos. Já não rezarei mais as missas esplendorosas do Natal. Já não vejo mais esponsalícios na minha ermida branca. Secca-me nas mãos a esponja baptismal dos inocentes. Desce sobre a minha tonsura a mão aureolada do Senhor... Por que vens tão tarde?¹²”



Figura 5. Maurício Wellisch, *Canto da Renúncia*. 1924. *Phoenix*, março de 1924.

Na imagem, o sacerdote é cansado, introspectivo e carregado. A figura está fatigada do mundo. Exerce suas funções apesar dela mesma. O braço esquerdo pendente, anel no dedo afilado, e sente-se a pressão incomensurável da gravidade. A figura é leve e ao mesmo tempo pesa, de modo forte no chão. O braço direito

¹² Macedo, Camargo de. “Canto da renúncia”. In *Phoenix*. Março de 1924.

esticado em direção ao candelabro em sua frente, este quase um tridente, libera a fumaça que se transforma em motivos decorativos.

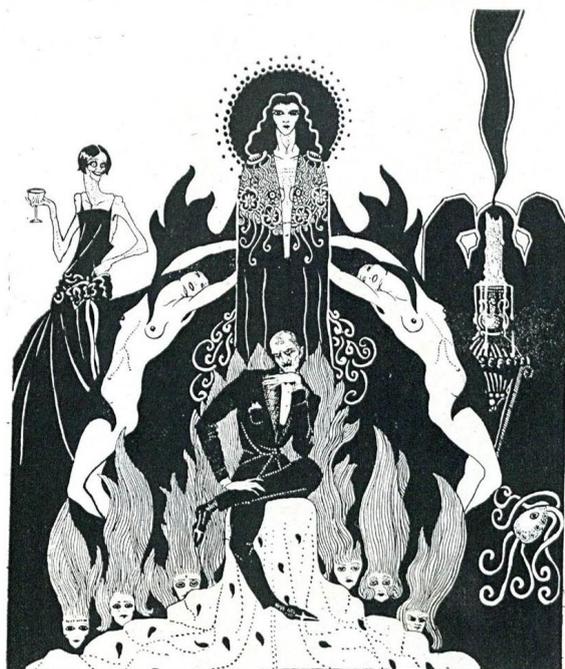


Figura 6. Maurício Wellisch, *O homem da multidão*. 1924. *Phoenix*, abril de 1924.

Em *O homem da multidão*, um tom particular e uma interpretação pessoal do conto de José Geraldo Vieira. O homem da multidão que está centrado na ilustração, possui um caráter elegante ao mesmo tempo decante. Cercado de personagens misteriosas e sugestivas, ladeado com duas figuras femininas nuas cujos sexos são caprichosamente escondidos pela cabeleira que escapa. Sentado em uma espécie de trono improvisado, percebe-se aos seus pés cabeças de mulheres, ou mais apropriado, de entidades de outro plano, cujas cabeleiras são como labaredas que vibram. No centro, uma efígie, aparição que surge no núcleo da obra e que verdadeiramente concentra as linhas e energias do desenho.

As ilustrações para *Phoenix* contemplavam também textos que não necessariamente eram publicados. Como *O DOM*, feito a partir do conto homônimo de Marcel Schowb, parte de seu livro *Cœur Double*. O autor, mesmo hoje pouco publicado, foi uma das grandes forças da literatura simbolista na França e é importante notar a proximidade de seus escritos com Maurício Wellisch¹³.

Se Wellisch parte imediatamente para Paris logo depois de seus estudos, é notório contudo que a presença maior em sua arte não está ao redor da ilha de Saint-Louis. Na citação mencionada acima, de Hernani de Irajá, o autor recorre ao mundo alemão e espanhol como “inspirações” para o artista. É provável de fato, que fosse um dos faróis para ele. Mas quando se aproxima as gravuras de von Stuck, de

¹³ Os estudos empreendidos por Sylvain Goudemare são chaves para compreensão da presença de Schowb. Ver notadamente a biografia Marcel Schowb ou *Les vies imaginaires, biographie*. Paris: Le Cherche-Midi, 2000. E o prefácio para as *Oeuvres*, publicado pela Phébus em 2002, “Comment était faite l’alampe d’Alladin?”. Pp.12-21.

Lovis Corinth ou de Chicharro percebe-se mais distanciamentos do que verdadeiramente pontos de encontro. O modo com qual trabalha, no entanto, parece avizinhar-se com mais conforto perto dos ingleses. É verdade que pelo traço bem-marcado, das figuras ambíguas e misteriosas poderiam figurar ao lado dos desenhos e gravuras de Adolf Gustav Mossa. No entanto, quando se aproxima de outros como Aubrey Beardsley, os desenhos parecem se iluminar com mais incidência. Obras como *Venus between Terminal Gods*, de 1895 confirma. A gravura realizada a partir de *Tannhäuser* multiplica os elementos decorativos, as presenças de culturas outras, o traço sintético. Entretanto, para além de Beardsley que parece como uma referência maior nessa relação, artistas como Jessie Marion King, Eric Gill ou William Thomas Horton, todos atuantes entre o final do século XIX e primeiras décadas do século XX, são cada qual com sua intensidade fronteira ao que Wellisch realizava naqueles anos.

Os anseios de *Boletim de Ariel* são profundamente literários, pelo menos nas edições de 1931-1939 (depois há a retomada das edições entre os anos de 1973-1977). O boletim faz parte das editoras que lançavam seus próprios periódicos. Tania Regina de Luca, comenta os interesses do Boletim:

Textos de caráter mais geral sobre pintura, cinema, literatura, curiosidades biográficas, além de excertos de capítulos, também compareciam com certa frequência, assim como notas sobre premiações, como as ofertadas pela Sociedade Felipe d'Oliveira ou o prestigioso Humberto de Campos, instituído em 1936 pela Editora José Olympio, que selecionava um livro inédito por ano. Entretanto, a produção literária propriamente dita foi incorporada no *Boletim* tardiamente a partir do sexto volume (outubro/1934 a setembro/1935), quando quatro páginas foram reservadas para os trabalhos ficcionais. Por vezes, parte do número era dedicada a autores específicos, em função de falecimento ou comemoração de centenários, como ocorreu, por exemplo, em relação a João Ribeiro ou Goethe¹⁴.

No periódico, Wellisch contribuiu por diversas vezes com ensaios, críticas e crônicas. Em um período importante da vida do autor, se firmava no Itamaraty e suas viagens eram constantes. Em uma de suas primeiras crônicas no periódico, sobre o amor e aos moldes de um João do Rio, indica um caminho pessimista, de aporia que encontrávamos também em suas ilustrações para a *Phoenix*.

Todo amor é facilmente tyrannico. Por toda a parte onde ha amor, existe um odio escondido - que não deixará de explodir assim que o amor se transforma em paixão. Esta se torna logo a verdade do apaixonado, ou, pelo menos, o que elle julga ser a sua verdade [...] No

¹⁴ Luca, Tania Regina de. "Periódicos lançados por editoras: o caso do Boletim de Ariel (1931-1939)". In Revista História. V. 36 e. 32. 2017, p.10.

que consiste o maior erro do apaixonado; pois, por um lado, elle applica nisso todo o seu espirito, e o amor se produz então por acto da vontade, independentemente da fatalidade das paixões; por outro lado, o apaixonado não vê mais o ser amado, “e sim, no seu lugar, um ídolo, que elle paramenta, e diviniza, e crêa...”¹⁵

Contudo, nesses anos um tanto conturbados e de mudança clara de perspectiva para Maurício Wellisch com o avanço de seus trabalhos no Itamaraty, notadamente das relações comerciais entre o Brasil e diversos países, o tom de seus escritos torna-se mais otimista. Distante da desesperança característica dos anos 20, seus olhos se orientam para um mundo mais iluminado, eufórico.

No estrangeiro, a evolução da intelligencia brasileira tem sido acompanhada e referida por amigos sinceros do nosso paiz (que os ha e em maior numero do que se pensa), em livros, artigos, relatorios, assignados pelos mais reputados intellectuaes. Na França, Luc Dartain é o nosso melhor propagandista [...]¹⁶.

Os escritos de Wellisch são também inovadores, com pensamento muito cristalino. Dessa forma, na edição de agosto de 1938, sob o título de *O Philosopho e a lanterna mágica*, discorre sobre o cinema. Mais especificamente do cinema como uma das belas-artes, tema caro para o meio que não sem altercadas se inseria como pretendente a um estatuto elevado. No texto, o autor se coloca mesmo contrário a Alain, que como vimos, uma de suas inspirações. Enquanto o filósofo francês esforçava-se para neutralizar a força do cinema entendido como arte, Wellisch, não tinha dúvidas. “Em verdade, não cabem no mesmo plano o espetáculo cinematográfico e o teatral; o cinema não é uma arte essencialmente dramática, mas uma arte visual[...] Não é uma participação [do espectador] mas uma *comunhão*”¹⁷.

V. Escrita tenaz

Esse Wellisch, acostumado com um mundo outro, fincado na Paris dos anos 20, assume, numa vida diametralmente diversa um posto nos Estados Unidos entre os anos de 1942 e 1945. Foi convidado pela Universidade de Stanford, em Palo Alto para ministrar um curso de português¹⁸. Encontra-se nos Estados Unidos em 1944 com Érico Veríssimo. O escritor foi convidado para ministrar Literatura Brasileira na Universidade de Berkeley. Ele escreve dois livros a respeito de sua estadia, *Gato preto em campo de neve* (1941) e *A volta do gato preto* (1947). Neste último anota algumas linhas sobre Wellisch e o mundo antagônico entre eles parece claro:

¹⁵ Wellisch, Mauricio. “Meditações sobre as causas e os efeitos”. In Boletim de Ariel. Dezembro/1932.

¹⁶ Wellisch, Mauricio. “Depoimentos estrangeiros sobre o Brasil novo”. In Boletim de Ariel. Setembro/1938.

¹⁷ Wellisch, Mauricio. “O Philosopho e a lanterna magica”. In Boletim de Ariel. Agosto de 1938.

¹⁸ A MANHÃ. 29 de novembro de 1942, p.9.

6 de março. Sou hoje apresentado a Maurício Wellisch, vice-cônsul do Brasil em San Francisco. Conversamos por algum tempo, e verifico que nossas opiniões sobre política, arte, literatura e sobre a vida em geral divergem muito. É como se ele estivesse dum lado da baía de San Francisco e eu do outro, tentando uma comunicação impossível por meio de sinais. [...] Wellisch é um desses intelectuais que viram Paris “nos bons tempos” – e essa visão encantada ainda o persegue, impedindo-o de adaptar-se a outras terras, a outros tipos de vida¹⁹.

As visões avessas do mundo e suas percepções tão distanciadas impediram os confrades de manter contato. A visão de Veríssimo é uma das raras que apontam para um Wellisch próximo daquilo que poderíamos distinguir como alienada, preso a um passado que se tornou impossível. Nesses anos, Wellisch colaborou firmemente com *A manhã* com diversas traduções.

Suas colaborações com os periódicos seguem de modo inexorável até a década de 60. Em um artigo de 31 de janeiro de 1960 para o *Correio da manhã*, reflete sobre Praga, texto sensível e visual.

Ao contrário de Paris e de Zurique, Praga, cidade brumosa, fuliginosa, introvertida, recebe o visitante com muito mais modéstia. Já o seu aeroporto tem um arzinho acanhado de quem pede desculpas ao estrangeiro bem enroupado por recebê-lo mal vestido. Praga lembra um grão-senhor empobrecido a quem, na vetusta mansão do passado, só restassem para ajolar seu convidado dois quartos de hóspedes modernizados: dois grandes hotéis de conforto ocidental. E com desfile de moda em um deles, durante o chá no domingo, ao som de uma orquestra em surdina...²⁰

É um dos últimos textos que se tem notícia de Wellisch. As notas de 1961 não são animadoras, percebemos que foi desgastado por uma doença, volta às pressas ao Brasil, depois de meses sofrendo.

Devendo adiantar o seu regresso à Suiça, para onde partirá em avião da Panair do Brasil SA na 4ª feira, 6 do corrente às 21h40, vôo no 22 e na impossibilidade de despedir-se pessoalmente dos inúmeros amigos e colegas que o confortariam com suas visitas no hospital onde esteve internado durante quatro meses nesta cidade,

¹⁹ Veríssimo, Érico. *A volta do gato preto*. São Paulo: Companhia das Letras. 2007, pp. 132-133.

²⁰ Wellisch, Maurício. “Praga, a cidade dourada”. In *Correio da manhã*. 31 de janeiro de 1960. Há outro ensaio publicado no *Jornal do Brasil*, 12 de julho de 1961, intitulado “Ah! Como a vida é cotidiana!”, cujo modo e tema lembram um pouco o Wellisch da mocidade, este foi o último escrito localizado de Wellisch.

deixa-lhes aqui consignado o seu sincero agradecimento por essas manifestações de fiel amizade, que o comoveram profundamente²¹.

E uma nota de 01 de outubro de 1961 confirma a situação lutuosa: “faleceu o diplomata brasileiro Mauricio Wellisch. O extinto, que tinha 56 anos, foi cônsul-geral do seu país nessa cidade, de 1955 a 1959 [...] O Sr. Wellisch faleceu numa casa de saúde desta cidade, após longa enfermidade”²².

As obras realizadas por Wellisch, no campo das belas-artes ou da literatura formam um todo homogêneo. As transformações ou mudanças de paradigmas certamente acompanham sua trajetória ao mesmo tempo que se ligam aos momentos culturais vivenciados. *Phoenix* e *Boletim de Ariel*, entre tantos outros periódicos, atestam a força de seu pensamento, de seu lápis, forjados de maneira muito pessoal, sem grupos ou ideais claramente compartilhados.

Referências

ALAIN. *Propos sur les beaux-arts*. Paris : Presses Universitaires de France, 1998.

ALAIN. *Vingt leçons sur les beaux-arts*. Paris : Gallimard, 1931.

CORREIO DA MANHÃ. 05 de setembro de 1961.

DOM-QUIXOTE, "Correspondência". 24 de dezembro de 1919.

FUNCCIONARIOS DO MINISTERIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES. Rio de Janeiro, edição 0001, 1938.

GOUDEMARE, Sylvain. *Marcel Showb ou Les vies imaginaires, biographie*. Paris : Le cherche-Midi, 2000.

IRAJÁ, Hernani de. "Dentro da arte brasileira: Mauricio Wellisch". In *Fon-Fon*, 18 de janeiro de 1930.

JORNAL DO COMÉRCIO. 01 de outubro de 1961.

LUCA, Tania Regina de. "Periódicos lançados por editoras: o caso do Boletim de Ariel (1931-1939)". In *Revista História*. V. 36 e. 32, 2017.

MACEDO, Camargo de. "Canto da renúncia". In *Phoenix*. Março de 1924.

MELO FRANCO, Afonso Arinos de. *A alma do tempo: memórias*. Rio de Janeiro: TopBooks, 2018.

NAVARRO, Saul de. *La danse des symboles*. Paris : Les éditions mazarines. Trad. Fran. MARWELL, 1936.

O BEIJA-FLOR, setembro de 1915, número 17.

²¹ CORREIO DA MANHÃ. 05 de setembro de 1961.

²² JORNAL DO COMÉRCIO. 01 de outubro de 1961.

SCHOWB, Marel. *Œuvres*. Paris: Éditions Phébus, 2002.

VERÍSSIMO, Érico. *A volta do gato preto*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007

WELLISCH, Mauricio. "A inquietação espiritual da Europa hoje". In *O Jornal*, 3 de julho de 1927.

WELLISCH, Mauricio. "Criticando a crítica". In *O Jornal*, 30 de março de 1930.

WELLISCH, Mauricio. "Meditações sobre as causas e os efeitos". In *Boletim de Ariel*. Dezembro/1932.

WELLISCH, Mauricio. "Depoimentos estrangeiros sobre o Brasil novo". In *Boletim de Ariel*. Setembro/1938.

WELLISCH, Mauricio. "O Philosopho e a lanterna magica". In *Boletim de Ariel*. Agosto de 1938.

Como citar:

ALVES DA COSTA JUNIOR, Martinho. Melancolia e desesperança na obra de Maurício Wellisch. *Anais do 41º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte: Arte em Tempos Sombrios*, Evento virtual, CBHA, n. 41, p. 534-550., 2022 (2021). ISSN: 2236-0719.
DOI: <https://doi.org/10.54575/cbha.41.043>
Disponível em: <http://www.cbha.art.br/publicacoes.htm>